

SITUAÇÃO DA AGRICULTURA

- Outubro de 1975 -

Intenção de Plantio 1975/76

O primeiro levantamento de previsões e estimativas das safras do ano agrícola 1975/76, referentes a intenção de plantio para as culturas anuais, realizado no período de 8 a 26 de setembro, reflete a inclinação dos agricultores pouco antes do início efetivo do plantio. Ao contrário dos anos anteriores, em decorrência do atraso do início das chuvas, eventualmente poderão ocorrer algumas modificações no plantio, em função do maior espaço de tempo entre o levantamento e a efetivação da sementeira, bem como da melhor época de plantio de cada cultura.

O que se depreende dos dados constantes dos quadros às páginas 45 e 46, é que no conjunto das 6 culturas anuais espera-se um avanço substancial da área cultivada no Estado em 1975/76, face aos acréscimos previstos nas áreas de plantio de amendoim das águas (+44,2%), milho (+12,32%) e arroz (+10,8%), os quais prevalecem sobre as quedas detectadas para algodão (-29,21%), feijão das águas (-3,5%) e soja (-2,9%). Pelos números apresentados, vale observar que nos casos de amendoim das águas, milho e arroz deverão ocorrer aumentos de plantio em praticamente todas as regiões do Estado. Para o algodão, o inverso é verdadeiro, possivelmente com o registro de quedas mais pronunciadas em Presidente Prudente, Marília e Araçatuba. No caso da soja, o recuo estimado em Ribeirão Preto, principal região produtora, bem como em Sorocaba, não será compensado pelos acréscimos nas outras regiões.

Paralelamente, foi realizada estimativa subjetiva do grau de intensidade com que as geadas de julho último afetaram as pastagens e as culturas de café, cana-de-açúcar e trigo. A incidência das geadas sobre as pastagens foi generalizada, atingindo cerca de 83% dos municípios do Estado, totalizando pouco mais de 8 milhões de hectares, aproximadamente, dos quais três quartas partes com forte intensidade o que, aliado a prolongada seca, deverá condicionar uma reforma de pastagens em uma grande área.

No caso do café cerca de 385 mil hectares foram fortemente atingidos, os quais estão exigindo podas para sua recuperação ou, nos casos mais extremos, de replantio. Outros 170 mil hectares foram também atingidos com intensidade de média a fraca, os quais também terão sua produção afetada nos próximos anos. Estes dados

indicam que as estimativas anteriores de uma quebra na produção de café na safra 1975/76 da ordem de 60% do esperado (10 a 11 milhões de sacas) são bastante consistentes, devendo-se, contudo, notar que este valor poderá ser modificado face à seca que afetou as culturas não atingidas pela geada.

No que se refere à cana-de-açúcar, foi constatada a ocorrência de geada em cerca de 300 municípios, com incidência forte do fenômeno em uma área de 180 mil hectares, enquanto aproximadamente 280 mil hectares foram atingidos com incidência de média a fraca. Porém, deve-se ressaltar que a seca foi a maior responsável pela redução da produção da safra 1974/75, ocasionando a paralização antecipada da grande maioria das usinas.

Com relação a cultura do trigo, os atuais dados vieram confirmar as estimativas iniciais de quebra, qual seja, de -62% na produção anteriormente prevista.

Preços

O índice geral de preços médios recebidos pelos agricultores, conforme se verifica pela figura 1, aumentou de 3,35% em relação ao mês passado. Esse aumento

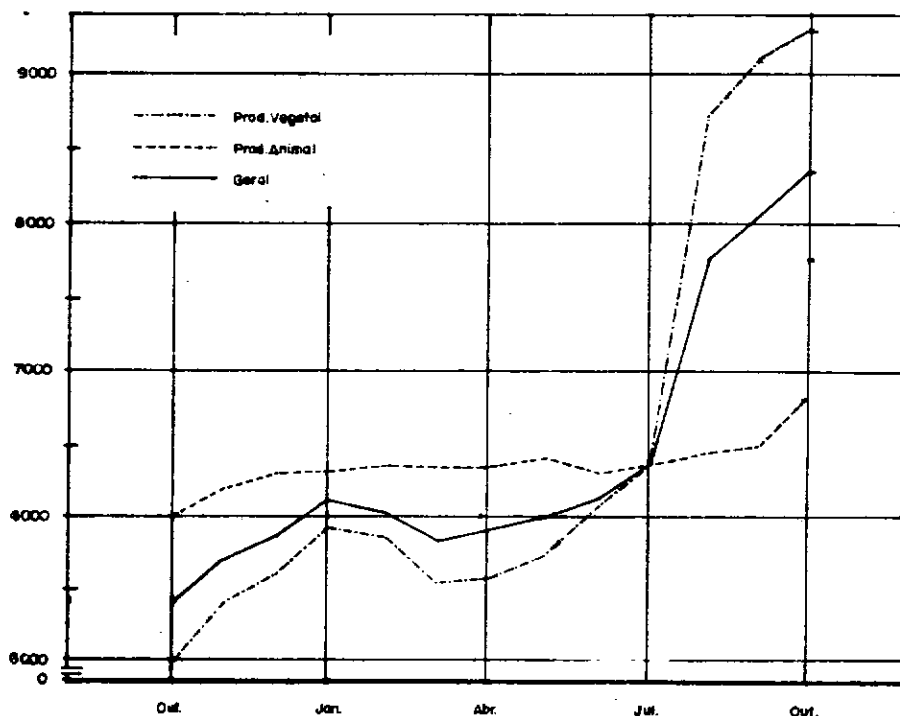


FIGURA 1 - Evolução dos Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado de São Paulo, Outubro de 1974 a Outubro de 1975.

Base: 1961/62.

é resultante dos acréscimos de 1,63% no índice de preços de produtos vegetais e de 6,93% no índice de preços de produtos animais.

Os produtos cujos índices de preços recebidos aumentaram em relação a setembro, foram: banana (59,59%), mandioca (18,75%), feijão (11,99%), cebola (10,66%), aves (8,94%), bovinos (8,42%), leite (7,37%), ovos (3,35%), milho (3,33%), arroz (3,31%), amendoim (0,72%) e café (0,36%). Chá verde e soja, tiveram seus preços praticamente inalterados. Reduções em seus índices de preços foram apresentadas pelos seguintes produtos: tomate (-28,75%), mamona (-4,36%), laranja (-3,19%), batata (-1,48%) e suínos (-1,01%).

Excluindo-se o café, o índice geral de preços recebidos elevou-se de 4,44% e o de produtos vegetais de 2,46%.

No ano passado a relação de preços médios recebidos outubro/setembro, apresentou-se com variação positiva somente para o grupo dos produtos animais. Para os demais, apresentou-se negativa: produtos vegetais (-0,88%), vegetais menos café (0,11%), geral (-0,46%) e geral menos café (-0,02%).

Em relação a janeiro do ano em curso, o índice geral de outubro elevou-se de 35,84%, resultando do acréscimo de 56,64% no índice de preços de produtos vegetais e de 7,57% no índice de preços de produtos animais. Subtraindo-se o café, os ganhos seriam de 23,40% para o índice geral e de 40,51% para o índice de produtos vegetais. Em 1974, a mesma relação outubro/janeiro apresentava as seguintes variações positivas: 79,90% para o índice geral, 8,00% para o índice de produtos vegetais e 41,93% para o de animais; excluindo-se o café, ter-se-ia 4,70% para os produtos vegetais e 70,51% para o geral.

Através das relações de índices de preços médios recebidos outubro de 1975/outubro de 1974, nota-se as seguintes variações para os diversos grupos: 54,08% para o geral, resultante dos acréscimos de 86,44% dos produtos vegetais e de 14,61% dos produtos animais; eliminando-se o café, tem-se 74,15% para os vegetais e 40,99% para o geral.

O comportamento dos índices de preços pagos pelos agricultores, pode ser visualizado através da figura 2. Assim, em relação a setembro, observa-se uma elevação de 6,13% no índice geral, o que é resultado dos acréscimos de 6,12% no índice de insumos adquiridos fora do setor agrícola e de 6,15% no de insumos adquiridos no próprio setor. No mesmo período do ano passado, o índice de preços de insumos adquiridos fora do setor agrícola cresceu 0,67% e o de insumos adquiridos no próprio setor decresceu 1,11%, resultando em um acréscimo de 0,02% para o índice geral.

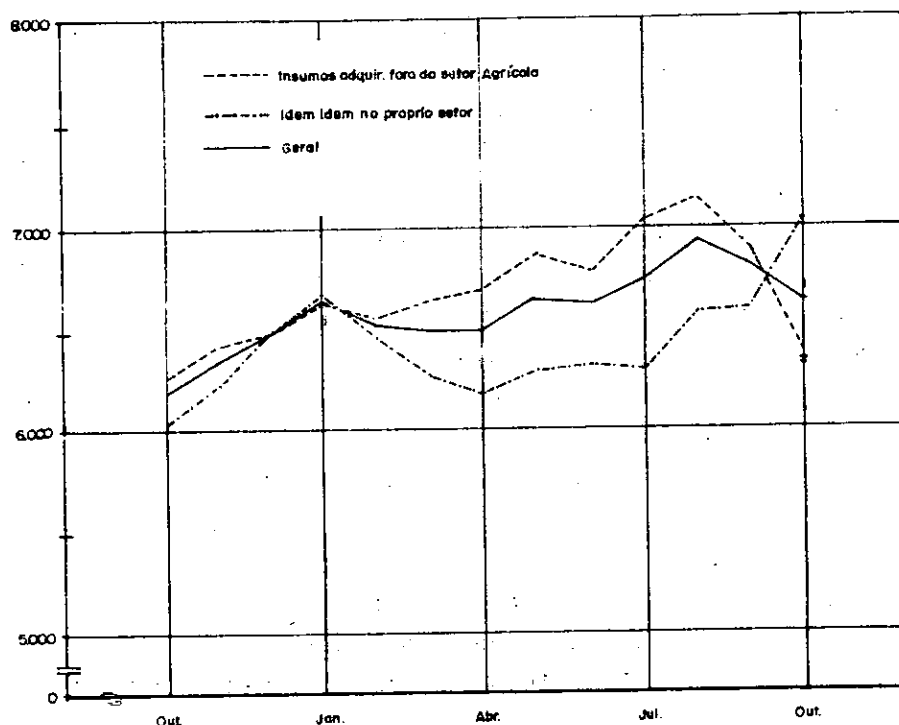


FIGURA 2 - Evolução dos Preços Pagos pela Agricultura Paulista, Outubro de 1974 a Outubro de 1975.
Base: 1961/62.

Em relação a janeiro deste ano, a variação positiva de 8,82% apresentada pelo índice geral de preços pagos é resultante dos acréscimos de 0,32% no índice de insumos adquiridos fora do setor agrícola e de 6,26% no de insumos adquiridos no próprio setor agrícola. Em 1974, a mesma relação outubro/janeiro, apresentou variações positivas bastante elevadas, da ordem de: 52,57% para o índice de preços de insumos adquiridos fora do setor, 48,49% para o de insumos adquiridos no próprio setor e de 51,06% para o índice geral de preços pagos.

A comparação com outubro de 1974, resulta em um acréscimo de 16,54% no índice geral, derivado dos acréscimos de 16,57% no índice de insumos adquiridos fora do setor agrícola e de 16,48% no de insumos adquiridos no próprio setor.

Em vista dos acréscimos de 3,35% no índice geral de preços recebidos e de 6,13% no de preços pagos, observa-se uma variação negativa (-2,62%) no índice de paridade, que atinge um nível de 114,85 (figura 3). A relação preços recebidos/preços pagos por insumos adquiridos fora do setor agrícola, também se apresenta de crescida neste mês de outubro (-2,61%), passando de 116,39 para 113,35, comportan-

do-se, portanto, de modo contrastante ao verificado em setembro/agosto, quando apresentou uma elevação de 6,75%.

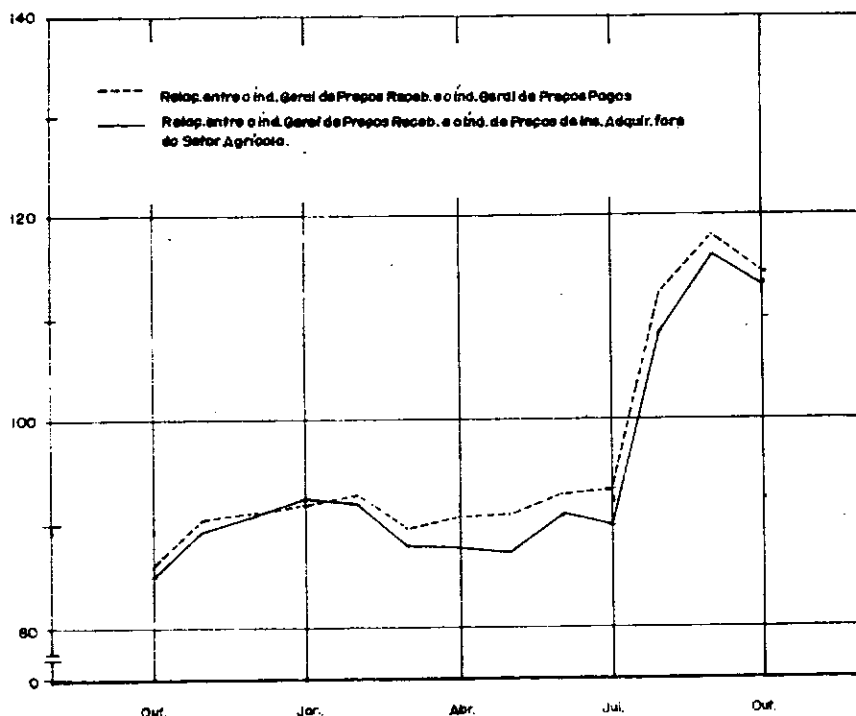


FIGURA 3 - Evolução do Índice de Paridade no Estado de São Paulo, Outubro de 1974 a Outubro de 1975.
Base: 1961/62.

Cesta de Mercado

Em outubro, os gastos da família paulistana, com 70 produtos de alimentação, totalizaram Cr\$ 961,78 (quadro a página 30). Isto representa um aumento de 1,5% em comparação com o mês de setembro e uma redução em relação a taxa de aumento observado naquele mês (3,6%). O incremento total do valor da Cesta nos últimos 12 meses atinge, assim, a 36,0%.

Os produtos de origem vegetal aumentaram em 1,9%, sendo o acréscimo mais ponderável constatado no grupo das frutas, com 7,3%, e o maior decréscimo no grupo das hortaliças, com -4,8%. Os produtos de origem animal, cujos preços haviam caído em setembro (-3,7%), subiram 0,7% em outubro.

Uma grande parte dos produtos de maior ponderação sofreram pequenas variações: carne bovina -1,4%, leite 0,2%, arroz 1,2%, pão 0,7%, ovos 0,9% e óleos 1,0%; somente o feijão (5,8%) e a batata (6,6%) apresentaram taxas mais elevadas. Por esta razão, a despesa familiar com os chamados "produtos básicos" pouco cresceu, passando a 0,4% acima do nível de setembro: Cr\$ 641,44 em setembro e Cr\$643,93 em outubro.

É de se registrar que os produtos básicos que, em junho, participavam com 69,8% do valor total da Cesta, representaram, em outubro, somente 67,0% daquele valor. Entre estes produtos, aqueles que vêm apresentando menor crescimento, desde 1974, são: macarrão, laranja, carne bovina, ovos e óleos. Os maiores aumentos ocorreram com café, cebola, tomate, feijão e banana (quadro a página 29).

Comércio Exterior

- Panorama Nacional

O mês de outubro, a área de comércio exterior apresentou um destaque todo especial, em vista das medidas adotadas pelo Governo Federal objetivando a reversão da tendência negativa que vinha se observando no balanço de pagamentos do País. Tais medidas, anunciadas pelo Presidente Geisel no dia 9, incluem os seguintes pontos principais:

- a) autorização para celebrar contratos de serviços, com cláusula de risco, para prospecção de petróleo;
- b) elevação dos preços de gasolina, óleo Diesel e óleo combustível;
- c) restrições às importações governamentais de empresas, órgãos e fundações supervisionadas, nas esferas federal e estadual (Decretos 76.406, 76.407 e 76.408);
- d) criação, no âmbito das empresas governamentais, de núcleos de articulação com a indústria (NAL) para promover a produção de bens de capital;
- e) elevação das alíquotas do imposto de importação.

No setor exportador, foram anunciados estudos visando ampliar o crédito à exportação e possibilitar a liquidação dos créditos de ICM acumulados pelos exportadores.

A principal característica dessas medidas é seu impacto relativamente peque

no a curto prazo, admitindo-se que ainda durante 1976, a situação de pagamentos continue difícil. Outro aspecto importante é que as soluções apontadas situam-se, na grande maioria, do lado da contenção das importações. De um modo geral, foram medidas corajosas, mostrando a seriedade com que o problema vem sendo encarado, sobretudo tendo-se em conta suas possíveis consequências sobre a taxa de crescimento da economia.

Com respeito às exportações, cabe registrar a intenção de manter os incentivos existentes. Uma análise da situação das exportações agrícolas e proposições com vistas a sua maior dinamização são apresentadas em outra seção deste boletim.

Ainda, durante o mês de outubro foi realizada mais uma desvalorização cambial, a 11a. do ano. O dólar passou a ser cotado a Cr\$ 8,52 para compra e Cr\$8,67 para venda (quadro 1). Isto representa um acréscimo de 0,59% em relação a cotação anterior e de 15,21% desde o começo do ano. Em período idêntico de 1974 haviam sido realizadas 9 desvalorizações, correspondentes a uma variação de 16,81% para o ano.

QUADRO 1. - Variação da Taxa Cambial, Janeiro-Outubro de 1975

Data	Prazo em dias	Taxa (Cr\$/US\$)		Variação (%) sobre:	
		Compra	Venda	Anterior	31/12/74
31/12/74	39(a)	7,395	7,435		
28/01/75	23	7,510	7,550	1,56	1,56
20/02/75	27	7,580	7,620	0,93	2,50
19/03/75	23	7,695	7,735	1,52	4,06
11/04/75	33	7,805	7,845	1,43	5,54
14/05/75	43	7,925	7,975	1,54	7,17
26/06/75	12	8,020	8,070	1,20	8,45
08/07/75	28	8,080	8,130	0,75	10,93
05/08/75	20	8,235	8,285	1,92	11,36
25/08/75	29	8,310	8,360	0,91	12,37
23/09/75	36	8,470	8,520	1,93	14,54
29/10/75		8,520	8,670	0,59	15,21

(¹) Dias contados desde a mudança anterior, em 20/12/74.

Fonte: BACEN.

- Panorama Internacional

A rápida evolução das exportações brasileiras, observada nos últimos 7 anos, permite classificar o Brasil em 19º lugar entre os maiores exportadores do

mundo. O quadro 2 indica esta situação com base em dados de 1974, excluídos os países da área socialista. Verifica-se que à frente do Brasil encontram-se dois países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), um da América do Sul (Venezuela), oito da Europa Ocidental (Alemanha, França, Reino Unido, Holanda, Itália, Bélgica, Suécia e Suíça), quatro da Ásia (Japão, Arabia Saudita, Iran e Coveite), dois da África (Nigéria e Líbia) e um da Oceania (Austrália).

Cabe ressaltar que desde 1968 o Brasil vem ocupando posições entre a 14a. (1970) e 19a. (1968, 1971 e 1974). Isto se deve ao grande incremento também observado nas exportações de outros países. O quadro 2 mostra ainda a evolução das exportações dos países em consideração. Nota-se que sete deles (Arabia Saudita, Nigéria, Iran, Coveite, Líbia, Venezuela e Japão) apresentaram taxas maiores que as brasileiras, porém somente em um caso (Japão), isto não se deveu a recente elevação dos preços de petróleo.

QUADRO 2. - Valor das Exportações dos Principais Países em 1974 e Taxas de Crescimento no Período 1968-74

País	Exportação (US\$ 1.000.000)	Varição 1974/68 (%)
1. Estados Unidos	98.507	184,4
2. Alemanha Ocidental	89.055	258,5
3. Japão	55.596	328,6
4. França	46.473	260,2
5. Reino Unido	38.640	150,2
6. Arabia Saudita	35.657	1.660,0
7. Canadá	34.228	161,9
8. Holanda	33.016	294,2
9. Itália	30.240	196,9
10. Bélgica	28.260	245,8
11. Iran	24.002	1.176,0
12. Suécia	15.912	224,0
13. Suíça	11.865	204,3
14. Austrália	11.046	213,3
15. Coveite	10.958	662,6
16. Venezuela	10.769	329,7
17. Nigéria	9.567	1.518,8
18. Líbia	8.259	343,3
19. Brasil	7.968	323,6

Fonte: F.M.I., International Financial Statistics.

Crédito Rural

A estimativa da distribuição percentual do crédito rural no Estado de São Paulo, para o mês de agosto (quadro da página 34), mostrou substancial elevação na participação relativa do valor dos créditos concedidos ao custeio agrícola, em relação ao mês anterior, que se situou pouco abaixo dos 16%, caracterizando assim a elevação da demanda por recursos financeiros necessários para o início dos trabalhos do ano agrícola 1975/76, se bem que ainda em níveis bastante reduzidos, face ao atraso no início do período chuvoso, que retardou o plantio das culturas anuais. Também, os financiamentos destinados à comercialização mostraram ganhos relativos substanciais, notadamente quando destinados a produtos agrícolas, possivelmente refletindo operações de monetização de NPRs. No entanto, a finalidade que mais recursos comprometeu no mês, foi o investimento na agricultura, seguido de perto pela comercialização de produtos agrícolas (quase 26% para cada). Se bem sejam estas duas as finalidades que mais recursos comprometeram no mês anterior (28% e 22%, respectivamente), em agosto pode-se observar um equilíbrio entre elas, ficando o custeio agrícola em terceiro lugar.

Do ponto de vista regional, a distribuição dos recursos comprometidos não mostra alteração, permanecendo a DIRA de Ribeirão Preto com quase 30%, seguida por Campinas com 19%, Sorocaba com 12% e, em quarto lugar, Marília, com quase 10%, perfazendo estas 4 regiões mais de 70% do total de recursos comprometidos.

A finalidade que mais recursos alocou, regionalmente, foi a comercialização de produtos agrícolas, em Ribeirão Preto, responsável por 10,5% do volume total, mantendo, assim, a mesma situação do mês anterior, quando respondeu também por 10,5% dos recursos globais. Seguem-se os recursos destinados a investimentos na agricultura, em Ribeirão Preto, com quase de 8%, vindo em seguida a comercialização de produtos agrícolas em Campinas, com cerca de 7%, e custeio agrícola em Ribeirão Preto, com mais de 5%. Vale ressaltar a insignificante participação de Araçatuba e São José do Rio Preto nos financiamentos destinados ao custeio agrícola, em consequência da maior intensidade da seca nessas DIRAs.

Em termos nacionais, dados preliminares do Banco Central do Brasil mostram que em 1974 foram alocados à agropecuária brasileira recursos de ordem de 48,35 bilhões de cruzeiros, referente a 1,4 milhão de contratos, o que resulta em um valor médio, por contrato, de 33,3 mil cruzeiros. A região que mais volume de recursos demandou foi a Sudeste (43%), com 20,6 bilhões de cruzeiros, referentes a 623 mil contratos, dando em valor médio de 33,1 mil cruzeiros por contrato, seguindo-se a região Sul (36%), com 17,5 bilhões de cruzeiros e 517 mil contratos, com valor médio

de 33,8 mil cruzeiros. A região Norte foi a que menor volume de recursos alocou (apenas 1% do total), com 489 milhões de cruzeiros referentes a 14,5 mil contratos, dando um valor médio por contrato de 33,7 mil cruzeiros. Nota-se por estes dados a grande uniformidade no valor médio dos contratos, devendo ser ressaltado, no entanto, que a região Nordeste, que alocou 5,6 bilhões de cruzeiros, apresentou um valor médio por contrato de 26,4 mil cruzeiros, diferindo, assim, bastante, do restante do País, já que este valor é cerca de 20% menor que o verificado para as demais regiões.

Individualmente, o Estado que mais recursos comprometeu foi São Paulo, com 27,3% no total, seguido do Paraná, com 17%, Rio Grande do Sul com 16% e Minas Gerais, com 12%. Os que menos recursos alocaram foram os Territórios de Amapá e Roraima, com 0,01% e 0,02%, respectivamente.

Estes dados mostram, ainda, uma elevação de 59% no valor dos financiamentos concedidos, em 1974, aos produtores e cooperativas em relação ao ano anterior, quando foram comprometidos recursos de ordem de 30,33 bilhões de cruzeiros, contra 48,35 bilhões de cruzeiros em 1974. Para 1975, espera-se um incremento ainda maior, devendo ser alocados à agropecuária brasileira recursos superiores a 85 bilhões de cruzeiros.